



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13910 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

Sucesso ou fracasso escolar: O que esperar dos estudantes negras e negros?

Gerusa Faria Rodrigues - UCP - Universidade Católica de Petrópolis

Agência e/ou Instituição Financiadora: Não há

SUCESSO OU FRACASSO ESCOLAR: O QUE ESPERAR DOS ESTUDANTES NEGRAS E NEGROS?

Resumo: O estudo buscou compreender e discutir como se constituem as trajetórias de sucesso de jovens estudantes negros do Ensino médio. A pesquisa foi desenvolvida em um colégio público, da rede estadual, na cidade de Petrópolis/RJ, e tem como objetivos compreender o que é sucesso para os jovens negras e negros, e escola; e como as questões raciais afetam as trajetórias dos pesquisados. Considerando que o racismo estrutural permeia todos os espaços sociais, é importante alcançar como o racismo se manifesta no espaço escolar e como afeta as trajetórias escolares de jovens negros. A pesquisa teve como pilares teóricos autores que discutem questões raciais e racismo estrutural, como Fanon, Munanga, Almeida, Souza. As particularidades das juventudes que cursam o Ensino Médio são apresentadas e discutidas com base nos estudos de Dayrell, Dayrell e Jesus e Carrano e Dayrell. A investigação buscou compreender se, e em que medida, os capitais (cultural, social e econômico), podem se articular na construção do sucesso escolar dos jovens pesquisados. A hipótese é que o capital social possa ser um dos principais impulsionadores para o sucesso escolar dos estudantes. A pesquisa foi realizada por meio de uma observação participante; e entrevistas gravadas.

Palavras-chave: Relações Étnico Raciais, Sucesso Escolar; Juventude

A pesquisa que se apresenta buscou compreender como são construídas as trajetórias escolares de sucesso de estudantes negras e negros do Ensino médio em um colégio público

estadual, localizado no centro da cidade de Petrópolis, município da região serrana do Estado do Rio de Janeiro. O colégio onde a pesquisa foi desenvolvida atende 2055 alunos do ensino médio, nas modalidades de ensino regular, Cursos Técnicos em produção de Áudio e Vídeo, Química, e Educação de jovens e adultos. Os estudantes são oriundos de vários pontos da cidade de Petrópolis, e região da Baixada fluminense, principalmente para os cursos de Química e Áudio e Vídeo.

Deste modo, visando compreender os meandros das relações que se estabelecem entre alunas e alunos negros, dos cursos Regular, Técnico em Química e Técnico em Áudio e vídeo, o objetivo geral do trabalho se apresenta da seguinte forma:

- Analisar como se constituíram as trajetórias de sucesso escolar entre os jovens negras e negros do Ensino médio, de uma escola pública da rede estadual de Petrópolis, procurando compreender em que medida os diferentes capitais (cultural, social e econômico) se correlacionam.

E como objetivos específicos:

-Compreender o que é sucesso para jovens negras e negros e para a escola, considerando que diante dos dados sobre a realidade social de pretos e pardos, chegar ao ensino médio, para muitas famílias negras e de classe popular, pode ser considerado sucesso escolar;

-Compreender a percepção dos alunos negros sobre o racismo, considerando de que forma se sentem afetados e quais os sentidos que o racismo dá às trajetórias escolares destes estudantes;

- Compreender de que forma os mais diversos agentes – ou seja, o que Bourdieu (2007), denomina de *capital social* – podem contribuir na construção do sucesso escolar de jovens negras e negros.

Como Nota Dayrell (2007), a representação social dos jovens negras e negros, é a maneira como o racismo estrutural faz com que a sociedade veja estas moças e rapazes, nos espaços sociais variados, incluindo a escola; portanto, o fato de permanecerem estudando pode ser considerado, para alguns, uma forma de sucesso, tornando necessária a compreensão do “sucesso” para este grupo. Esta série de estigmas faz com que as ofertas educativas sejam reduzidas, sob o pretexto da falta de interesse dos estudantes negros, comportamento agressivo, ou mesmo falta de condições de permanecerem matriculados, por serem o grupo mais vulnerável que acaba evadindo da escola, pela necessidade de muitos ingressarem no mercado de trabalho, ainda que de maneira bastante precária, o que é imposto pela grande desigualdade social.

No espaço escolar há a tendência de invisibilizar as trajetórias de estudantes negros, por possuir currículos eurocentrados, os quais não consideram a realidade dos estudantes

pretos e pardos, além de ter como referência de sucesso e bom comportamento estudantes brancos. Dessa forma, o aluno ideal, que em grande parte das vezes é branco, deve servir como referência, fazendo com que todos os outros neguem sua negritude, cultura e identidade. Muitos se rebelam, resistem, mesmo que de forma inconsciente, o que é traduzido pelos professores como indisciplina, pois, tudo que foge ao etnocentrismo branco é considerado comportamento marginal (ROMÃO, 2001).

Fanon (2008) apresenta a origem da necessidade das negras e negros afirmarem sua cultura e resistirem ao processo etnocêntrico europeu:

Encontro um alemão ou um russo falando mal o francês. Tento, através de gestos, dar-lhes as informações que ele pede, mas não esqueço que ele possui uma língua própria, um país, e que talvez seja advogado ou engenheiro na sua cultura. Em todo caso, ele é estranho a meu grupo, e suas normas devem ser diferentes. No caso do negro, nada é parecido. Ele não tem cultura, não tem civilização, nem “um longo passado histórico”. Provavelmente aqui está a origem dos esforços dos negros contemporâneos em provar ao mundo branco, custe o que custar, a existência da civilização negra (FANON, 2008, p. 46).

Essa observação de Fanon remete a similaridades no processo educacional, onde crianças e jovens brancos têm seus processos culturais respeitados e representados, enquanto as crianças e jovens negros não. Assim, a escola segue silenciando e buscando desconsiderar a presença do racismo estrutural no espaço escolar.

Percurso teórico metodológico

O campo de pesquisa foi concebido levando em consideração a pandemia de covid-19, assim, alguns procedimentos precisaram ser pensados com vistas a atender às necessidades impostas pela situação. Diante dos fatos expostos anteriormente, os rumos da pesquisa foram ajustados, para a realização de uma observação participante, que segundo Oliveira (1996), permite que o pesquisador assuma um papel digerível pela sociedade observada o que viabiliza uma aceitação pelos membros da comunidade, facilitando o trabalho preliminar do pesquisador. Esse olhar inicial para o Colégio ocorreu por meio de alguns levantamentos, como uma análise dos resultados do ano de 2021, para posterior busca por alunos com bom aproveitamento.

O olhar sensibilizado pela teoria, possibilitou compreender onde estão os alunos negros do colégio, se estão distribuídos de forma proporcional entre os cursos, quais são os cursos que mais os recebem e, onde este grupo alcança maior rendimento escolar. Após realizar o levantamento dos dados preliminares, foi necessário encontrar estes estudantes e estabelecer um diálogo com eles e suas professoras. Este olhar permitiu que as peculiaridades das alunas negras e negros, nos 3(três) cursos observados, fossem apreendidas.

Ademais, a análise dos dados materiais, como estatísticas e avaliações, possibilitou captar a exterioridade do grupo, exterioridades estas, que foram significativas e, se tornaram categorias para análise dos dados construídos junto aos interlocutores, a relação com o ingresso em cada curso, assim como o capital cultural para se manterem em suas escolhas e

obter sucesso escolar.

A observação do campo permitiu ainda, que ao entrar no espaço da pesquisa, fossem observadas as diferenças no comportamento dos jovens pertencentes a grupos sociais variados, como os jovens das classes populares, os das camadas médias, ou ainda, diferenças estabelecidas entre os cursos que frequentam.

O ouvir, foi realizado por meio de entrevistas com os interlocutores selecionados nas etapas anteriores. Para a realização das interações com estes interlocutores, empreendi uma escuta ativa e metódica, conceito de Bourdieu (2012). Tal escuta visa minimizar os efeitos da violência simbólica que pode ser exercida por meio destas interações.

Desvelando os resultados da pesquisa

Na educação formal, os resultados obtidos pelas alunas e alunos são os balizadores do “sucesso” ou “fracasso escolar”, passando por aprovações, reprovações e evasão escolar. Comumente, os progressos na aprendizagem ou mesmo as transformações que a educação é capaz de produzir nos estudantes não são considerados para fins de identificar o “sucesso” ou “fracasso escolar”. Os estudos apontam que o fracasso escolar atinge em grande parte os estudantes negros, por fatores variados como vulnerabilidade social, aspectos socioeconômicos e o capital cultural – conceito criado pelo sociólogo Pierre Bourdieu, em meados dos anos de 1960, que trata das desigualdades de rendimento escolar entre os alunos das camadas populares, demovendo o foco das questões individuais como talento, aptidão ou dom, para as questões sociais (PIOTTO e NOGUEIRA, 2021).

O que pode ser observado ao longo das conversas realizadas com os alunos dos 3 cursos (Regular, Áudio e vídeo e Química), é que os estudantes se esforçam para permanecer e concluírem seus cursos, porque acreditam que a escola, a educação e a conclusão da Educação básica possibilitarão, em certa medida, uma melhoria na qualidade de vida. Muitos familiares também apostam nessa premissa. Nos relatos, alguns alunos não apontam o ingresso no Ensino superior como uma possibilidade imediata, mas como algo para um futuro um pouco mais distante. Em alguns casos, foi perceptível que tinham vergonha de dizer que não pretendiam cursar o Ensino superior. Como uma das estudantes mesmo falou: *“Aqui a maioria não vai continuar estudando, a gente tem que trabalhar”*.

Para muitos dos jovens entrevistados concluir o Ensino médio, e ingressar no mercado de trabalho, é considerado sucesso para as estudantes e suas famílias, levando em conta as possibilidades reais, e o destino social ao qual estão atrelados. Contudo, considerando a perspectiva da escola, sucesso está diretamente relacionado aos resultados expressos de forma quantitativa, desconsiderando a evolução acadêmica de alguns estudantes, e dando relevância apenas às notas. Ao longo das entrevistas os jovens negras e negros, questionaram a forma como a escola concebe o sucesso, e alegam ter consciência de que *“sou mais que as notas que*

tiro".

No entanto, apesar de compreenderem como a escola e a sociedade apreende o sucesso escolar, as questões raciais e o racismo está velado nas ações cotidianas, e grande parte dos estudantes entrevistados naturalizam as atitudes racistas de professores e de outros colegas. Acreditando que por ter muitas alunas e alunos pretos e pardos o Colégio se torna um ambiente seguro, e livre do racismo estrutural. Para os estudantes só é considerado racismo se a ofensa for muito direta, ou se houver algum tipo de perseguição. Ser preto é estar preso a sua corporeidade racial, é como descrito por Fanon (2008), é não estar escravizado pela ideia que os outros fazem da pessoa, mas da aparição, do quando surge, ou entra em uma loja, e se é uma pessoa preta.

A corporeidade negra é apresentada por meio de uma série de estereótipos, os quais os estudantes nem sempre percebem. Grande parte dos jovens foram reproduzindo falas do seu cotidiano que contém estes estereótipos, sem se darem conta do quanto há de preconceito nestas expressões e atitudes. Fato que pode ser atribuído a naturalização do racismo no cotidiano escolar, e, a falta de arcabouço teórico para analisar tais situações.

Considerações

Em certa medida é redundante afirmar que o racismo afeta negativamente as trajetórias dos estudantes negros, já que pesquisas sobre o tema apontam esse fato de forma uníssona. O que foi possível compreender é que os estudantes não conseguem perceber esse dado, e a fala mais recorrente é a de que os professores tratam todos da mesma forma; na sequência, narram situações de racismo entre professores e alunos, não percebendo que os jovens que passam por essas situações, de modo geral, são os que não alcançam bons resultados. Esse dado foi comprovado ao relacionar os alunos que tinham seus nomes mencionados nas situações de racismo, ou com as falas das próprias vítimas do racismo, com os resultados (notas) obtidos, como foi verificado nos documentos escolares.

Compreender como as alunas e alunos negros constroem suas trajetórias de sucesso revelou uma outra camada nessa estrutura, que muito embora os estudantes não percebam o racismo como um elemento constituinte da estrutura escolar, eles aprenderam a jogar o jogo e a se posicionarem no campo. Aprenderam a lutar para alcançar sucesso em suas mais variadas formas: nas notas que conquistam, passando a receber apoio de alguns professores; nas mudanças de atitudes, adotando o comportamento padrão dos alunos brancos e bem sucedidos; ou mesmo superando a falta de oportunidades educativas e conseguindo concluir o Ensino médio, sem reprovações ou interrupções em suas trajetórias.

Segundo Bourdieu (2007), o capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que faz parte do corpo se tornando parte da pessoa, um *habitus*, que acaba integrando o modo de existir destes alunos, fazendo com que eles também valorizem a escolarização e as possibilidades que ela irá trazer para suas trajetórias sociais. Neste processo, os estudantes que conseguem obter capital social por meio das relações que

estabelecem, em muitos casos, são capazes de convertê-los em capital cultural, o qual incide nos resultados escolares. Como revelou a pesquisa, essa rede de relações pode ser estabelecida com agentes do espaço escolar e agentes externos a ele, possibilitando criar vínculos duráveis que poderão ser reconvertidos, ao longo do tempo, em mais capital cultural e/ou econômico. Esse investimento em capital social pode garantir direitos institucionalizados, ou mesmo oportunidades educativas, as quais possibilitam a permanência no Colégio, e a conquista de capital cultural institucionalizado(diplomas).

Referências

BOURDIEU, P. O capital social- notas provisórias. In: CATANI, A. NOGUEIRA, M. A. (org.). 2007.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes, 7ª edição. 2012.**

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 28, n. 100. Especial, p. 1105 – 1128, out. 2007.

FANON, F. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 1996, v. 39, nº 1, p. 13-37.

PIOTTO, D; NOGUEIRA, M. A. Um balanço do conceito de capital cultural: contribuições para a pesquisa em educação. *Educação e Pesquisa*, v. 47, p. 1-35, 2021.

ROMÃO, J. O educador, a educação e a construção de uma auto - estima positiva no educando negro. In: CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e anti - racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001, p. 161- 178.